



Fotos de Ana Vitória

No Rio e São Paulo, mulheres em assembléia Contra o mito do sexo frágil, em busca do próprio caminho

— “O cotidiano da mulher é a violência” — declaração de uma mulher anônima no encerramento do Encontro Nacional de Mulheres (Rio). — “Amor e paz são os sentimentos que predominam no sexo feminino” — tirada de uma dirigente do CMB na abertura do encontro.

O conflito desses pontos de vista deixa

claro que há um estado de grande confusão teórica e prática dentro do movimento feminista brasileiro. Mas nem por isso esse movimento é menos importante; e ele está bem vivo e se debatendo, na desesperada tentativa de adquirir uma dinâmica própria, como veremos a seguir. A confusão, como disse uma socióloga, não existe só nele, mas em toda a estrutura na qual está inserido.



Lélia Gonzales (esquerda) e Santinha



A deputada Heloísa Studart



Sandra (esquerda) e Mulu



Branca Moreira Alves



Senhoras no auditório



Cida, dona de casa paulista

Entre as flores de retórica da Deputada Heloísa Studart e as rosas vermelhas oferecidas às participantes, o Centro da Mulher Brasileira do Rio abriu no dia 8 de março seu primeiro Encontro Nacional de Mulheres, no Centro Cultural Cândido Mendes, em Ilanema, o que lhe valeu imediatamente uma corajosa mensagem de censura da Associação de Moradoras da Vila Kennedy (ex-faveladas), que perguntava por que o CMB fazia seu encontro em lugar tão distante da Zona Norte e das populações mais pobres da cidade.

Essa não foi a única censura feita ao encontro e ao CMB. Muitas outras correram em voz baixa pelo sexto andar do Centro Cândido Mendes, onde, num auditório de 150 lugares e nas várias salas de reuniões de grupos debateram e ouviram durante quatro dias as 347 mulheres inscritas. Para um observador interessado pela causa como eu, a impressão que ficou dos debates, é a de que houve ali uma reunião feminina e não feminista. Isto é, mulheres se encontraram para tratar de temas gerais, mais ligados à polícia nacional — uma das monções aprovadas é a de que devem ser criados departamentos femininos no MDB —, ao arroxado salarial e à desigualdade salarial entre homens e mulheres, no trabalho noturno e, pairando acima de tudo, à luta por uma anistia ampla, geral e irrestrita. O segundo grande tema que mais veio à baila, este sim específico, foi o da

Falta de creches. Em nenhum momento a palavra “machismo” foi pronunciada no microfone por quem quer que fosse. Ao contrário, os poucos “companheiros” presentes foram homenageados em grande estilo por Heloísa Studart, que pediu aplausos para “esses mutantes, os novos feministas, os homens”.

Em sexo também quase não se tocou, muito menos em prazer ou orgasmo. Fora uma congressista que iniciou sua intervenção dizendo que os

LAMPIÃO da Esquina

homens pensam que “somos uma vagina ambulante”, apenas um grupo de 21 mulheres lançou um documento abordando, entre outras coisas, a libertação do corpo, mas sofreu logo forte oposição de representantes paulistas da periferia e de donas de casa. “Não estavam ali para tratar de tais assuntos, mas da luta maior”, isto é, a luta pela democracia. O documento das 21 mulheres também foi criticado por se referir a problemas internos do CMB, com o que as delegações dos oito Estados presentes “nada tinham que ver”. Na verdade, esse corajoso grupo de mulheres estava criticando o CMB numa questão de importância fundamental para o movimento feminista como um todo, que é a do autoritarismo, do elitismo e das chamadas “lideranças naturais”. A questão está presente em todas as atividades da vida brasileira e o documento não era de dissidência, mas uma reflexão e uma advertência. Isso parece não ter sido entendido, ou aceito, e a reunião seguiu seu curso cheio de altos e baixos, com muitos discursos irrelevantes e sem sentido dentro de um contexto feminista.

O que não quer dizer que não tenham sido feitos depoimentos de importância. Edyla Mangabeira Unger, representante da União Brasileira de Mães, foi uma das que acertou no alvo ao relatar com emoção o desespero das mulheres que tiveram seus filhos desaparecidos ou presos. Ela falou da dignidade e da grandeza das mães que lutaram com todas as suas armas, algumas até a morte, como Zuzu Angel, pela restauração dos conceitos civilizados de justiça. A socióloga Lélia Gonzales, num outro extremo desse vasto espectro que pode ser a luta da mulher, discorreu com objetividade sobre o problema da mulher negra e, por associação, de toda a raça. “Eu tenho a experiência concreta da cor”, disse. “Quanto mais crioulo é o cara, maior é a repressão. Eu tenho a consciência dessa discriminação, mas o negro em geral, que nem atingiu a situação de operário, não a tem”.

Por incrível que isso possa parecer, contra Lélia Gonzales foi levantada imediatamente a suspeita de revanchismo. Uma representante das donas de casa de São Paulo ergueu-se para afirmar que não se podia separar negros de brancos, ou periferia de cidade, já que a luta tinha de ser geral. Por sua vez, uma outra paulista disse: “Meu marido era burguês, loiro e economista e morreu nas mãos do delegado Fleury. A repressão não respeita ninguém”. Lélia replicou afirmando que “a classe operária tem preconceito contra o marginal” e que “unidade não significa encobrimento dessa situação”.

DIFERENTES DISCURSOS

Um universo rico de contradições, é certo, mas também algo hesitante e cheio de tabus. Como se viu, o tema *mulher negra* ouviu ponderável e articulado segmento. A palavra *mulher*, pronunciada uma única vez, revelou uma platéia pudica e nervosa, que riu baixinho, como se o pecado em pessoa tivesse entrado na sala. Sobre prostituição não se fez uma única referência e em lesbianismo naturalmente não se tocou. Eram temas tacitamente proibidos.

No entanto, o pequeno grupo citado acima tentou mudar esse direcionamento dos debates apresentando e denunciando uma pesquisa sobre a mulher que tratou apenas de trabalho, democracia e anistia, sem falar em sexualidade. “A luta pela libertação do corpo é uma questão política”, disse sua porta-voz. “A luta pela sexualidade livre não é pequeno burguesa, como afirmam, mas revolucionária”. Monocórdica, a Associação de Donas de Casa de São Paulo contra-atacou pedindo a libertação da mulher como ser humano no quadro de três reivindicações básicas: 1) creches estatais; 2) equiparação salarial; e 3) luta contra o programa patronal de evitar a gravidez das operárias e de combate brutal ao alcoolismo.

Insisti em saber onde estavam as prostitutas,

as empregadas domésticas, as faveladas, as mais oprimidas, o lumpemproletariado enfim das mulheres. As respostas foram evasivas: as prostitutas não tinha sido contatadas, as empregadas domésticas não tinham querido vir e duas faveladas apareceram, mas logo foram embora. Mulheres negras vi apenas três. E as lésbicas? Segundo uma integrante do CMB havia quatro participando de grupos e da mesa, mas nenhuma falou de seu problema específico. A que conclusão chegar diante de tal quadro? Que se tratou de uma reunião da alta classe média liberal aliada a algumas representantes da classe operária, ou seja, um microcosmo do pacto social brasileiro em evolução neste momento. Aliás, sinais dessa tendência estiveram bem presentes em todos os momentos: um certo matronismo, lampejos de autoritarismo, decisões às vezes apressadas para que a mesa conseguisse seus fins, toques de rispidez amplificados pelo microfone e uma afetividade mecânica, nem sempre genuína do grande jogo da “democracia”, em resumo. Será esse o caminho para o feminismo brasileiro?

AS OPINIÕES

Um dos cinco homens presentes, o diretor e ator João das Neves, gravou todo o encontro. Há um mês, ele com seu grupo, pesquisa em todos os níveis o dia-a-dia das mulheres para fazer um trabalho para o teatro. Sua opinião: “O movimento feminista, como todos os outros — o estudantil, o sindical e mesmo o homossexual — não representa realmente todos os setores. Neste encontro, por exemplo, as lideranças pertencem claramente à classe média, e falam por ela. Por isso foi importante a intervenção das operárias e donas de casa de São Paulo.”

— Não há mulher, mas mulheres, assim como não há feminismo, mas feminismos. Estamos dentro da luta geral do povo brasileiro.

(Continua à página 10)



REPORTAGEM



permeia tudo. E cada classe tem seus problemas, inclusive de violência. Cada mulher tem a sua sexualidade. No Brasil, a pobreza liga tudo. A mulher tem de primeiro atingir a condição humana básica, para depois lutar para ser mulher. — Heloísa Studart.

Declaração de uma estudante de engenharia da Universidade Federal Fluminense: "O erro do movimento feminista é que não chega às classes mais pobres. Eu sei muito bem disso, pois passo todos os dias pela Praça XV e viajo nas barcaças para Niterói."

O movimento feminista do Brasil já tem um caráter importante no Rio e em São Paulo. O mais sério conseguido por ele até agora foi a criação de pequenos grupos, porque essa é a forma mais prática para se apresentar e debater as questões. Eles servem para a troca de experiências. A luta, no entanto, é unitária. O movimento deve ser o mais aberto possível. As mulheres estão

conquistando aos poucos seu espaço. Graças a um programa de organização de base, já se conseguiu formar em Nova Iguaçu 70 células femininas, mas ainda não definimos a forma de contato com as comunidades de base da Igreja. A minha maior crítica ao CMB é a maneira hierarquizada com que ele está sendo dirigido, pois essa é uma forma de direção machista. O que mais está faltando é a autocrítica. — Branca Moreira Alves.

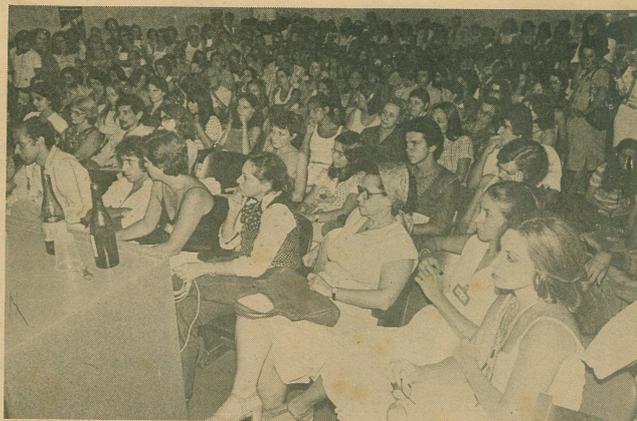
Conclusões de um grupo de estudo de 30 mulheres sobre feminismo:

Trata-se de um movimento essencialmente político, que não pode se isolar da sociedade na luta contra o sistema capitalista e patriarcal. Tem de buscar as relações horizontais e não autoritárias. As táticas mais adequadas para esse movimento são: 1) incentivar a criação de creches; 2) incentivar as associações de bairros para que assumam as reivindicações das mulheres; 3) lutar para que a contraceção seja decidida pelas mulheres; 4) incentivar, colaborar e criticar a imprensa feminista; 5) estimular o contato entre grupos feministas; 6) colaborar com o CMB para torná-lo um local de reflexão, aberto a todas as mulheres, e não ser apenas o organizador de eventos, e capacitá-lo para procurar a mulher em suas residências e no trabalho.

Exemplos da luta das mulheres operárias apresentados por uma participante do encontro:

1) As metalúrgicas paulistas lutaram e fizeram greve durante quase um ano. A consequência é que foram demitidas sumariamente. 2) Na fábrica De Millus, do Rio, houve uma explosão de ódio contra a violência da revista Intima. 3) No Rio, as trocadoras atuaram junto com os motoristas na greve de ônibus. Por isso foram humilhadas e insultadas nas portas das garagens. 4) Na fábrica Sousa Cruz, 80% dos operários são mulheres. Ali, além do problema do ajuste salarial, as mulheres estão lutando contra a violência da distribuição maciça de pílulas anticoncepcionais.

Conclusão: O fim da humilhação das mu-



lheres representará o fim da ideologia da fragilidade.

ESTATÍSTICAS

O Encontro Nacional de Mulheres teve 347 participantes. Foram feitas várias perguntas por escrito. Aqui estão as respostas: 253, ou 73%, têm nível de instrução superior; 148, ou 43%, têm filhos, 184, ou 53%, não têm filhos, 15 não responderam; grupos de idade: de 26 a 30 anos — 24%, de 21 a 25 anos — 20%, de 31 a 35 anos — 17%.

Principais reivindicações pelo voto: 1) criação de creches em fábricas, bairros e comunidades; 2) quando a mulher desempenha a mesma função do homem deve receber salário igual; 3) luta pelo estabelecimento da democracia; 4) mesmas oportunidades de trabalho. 120 mulheres, ou 12% das presentes, pediram "uma estratégia para o movimento feminista".

No encerramento dos trabalhos, domingo à noite, na votação das moções de apoio ou repúdio, a platéia entrou em ebulição pela primeira vez. Deu gosto ver as mulheres gritando, cada uma para seu lado, sem que a mesa pudesse conter. A moção de repúdio à devastação da Amazônia e ao Projeto Jari foi a que levantou mais celeuma. Tinha ou não tinha a ver com o feminismo? Uma mulher, a quem a mesa pediu silêncio, começou a gritar que tinha sido cassada. Quando falou, ninguém entendeu. No fim, a moção passou, com votos até dos homens e das crianças presentes, todos de braços erguidos, exercitando a liberadora prática da democracia. Foi aprovada por unanimidade uma moção de repúdio à grande imprensa, que se recusou a cobrir o evento.

Francisco Bittencourt

Perfil de uma feminista brasileira

Na casa dos 30 anos. Alta, bonita, bem vestida, educação superior. De sua classe privilegiada ela procura esquecer os mitos, a linguagem e as idiossincrasias para poder participar de uma luta que acredita estar começando agora, junto com o desabrochar de sua consciência. Os parágrafos e os temas sexuais quase não a inibem mais, como no início, quando entrou para o movimento. Entrega-se a qualquer tipo de debate e acaba sempre escolhida para falar em nome das companheiras, por já ser uma "especialista" em feminismo. É líder por fatalidade, como o foram seu avô, seu pai, seu irmão. Mas não é isso o que ela quer. Ela não quer ser "homem", mas mulher.

— Fazem exatamente quatro anos. Eu estava

sentada num sofá, lendo uma carta de uma amiga estrangeira que me falava de suas experiências movimento feminista de seu país. De repente, como num filme, toda minha vida pregressa começou a passar diante dos meus olhos. A mãe autoritária, o pai autocrático, o irmão desinteressado, o marido utilitário, os filhos possessivos.

Todos cobrando de mim comportamentos de vida diferentes. Eu não era ninguém, ou melhor, apenas um objeto usado de acordo com os interesses de uns e outros. Tinha de esperar que minha mãe me passasse o cetro do poder doméstico, da repressão, da caelestia, liberdade, prazer: palavras desconhecidas do vocabulário feminino familiar. Daí meu ódio surdo, minhas dores de cabeça, o descontrolo do vago simpático.

Vi-me no parque infantil, com meus filhos, embalando-os com rancor, por obrigação. Vi-me negando minha própria condição de ser humano diante da prepotência do meu pai e, a seguir, do jugo oportunista do marido. Compreendi que a mulher, na ideologia burguesa, é antes esvaziada de qualquer especificidade para depois receber as rédeas da casa. A "rainha do lar". Essa é a convenção mais hipócrita já criada pela sociedade. No universo burguês a mulher não passa de um túmulocaiado onde o homem deposita todas as suas frustrações das competições masculinas e, em momentos de distração, também seu sêmen. O horror desse quadro me atingiu como um raio.

— Três meses depois meu casamento acabava e passei a lutar contra qualquer tipo de ordem

que ferisse meus novos sentimentos. Com meus filhos, comecei a discutir cada coisa que tínhamos que fazer.

Foi tudo muito difícil. Me empurrava para a frente uma sensação nova e vertiginosa: eu era alguém, tinha um projeto próprio. Hoje posso dizer que sou uma pessoa produtiva. Não acredito em relações hierarquizadas, de cima para baixo. Por isso, cada vez mais, estou participando de reuniões de grupos pequenos, de espírito comunitário, onde os problemas são discutidos em pé de igualdade e todos nós podemos nos expressar sem medo de ser reprimidas ou censuradas. É uma experiência que está funcionando e que eu gostaria de ver aplicada em escala brasileira. (FB).

Em vez de praia, discussão

No auditório da faculdade Cândido Mendes — em Ipanema — de 8 a 11 de março, realizou-se o Encontro Nacional de Mulheres, comemorando o Dia Internacional da Mulher. (Em 8 de março de 1906 houve o massacre de 129 operárias que se encerraram na Fábrica Têxtil Cotton, em Nova Iorque, reivindicando condições de trabalho — horário e salário — iguais às dos homens, sendo queimadas vivas pelo patrão que ateou fogo à fábrica). A promoção foi do CMB — Centro da Mulher Brasileira — e contou do seguinte programa: dia 8, abertura, com a presença de diversas feministas compondo a mesa, inclusive Heloísa Studart. Dia 9: apresentação de grupos organizados, com relato sobre sua origem, objetivos e atividades; à noite, atividades culturais com projeção de filmes sobre creche e uso da mulher na propaganda. Dia 10, manhã: painel. "Situação da Mulher na Sociedade Brasileira". A tarde, dinâmica de trabalhos com os grupos sobre os temas apresentados pela manhã, e, à noite, plenário das decisões dos grupos. Último dia: painel sobre o feminismo no Brasil suas formas de organização. A tarde, plenário, com leitura de documento final, votação de propostas, seguindo-se o encerramento.

Já dizia a representante de "Nós Mulheres" em São Paulo, na semana dedicada aos movimentos de emancipação (ver Lampião nº 10), que "o feminismo não se define, como pensam muitos, por ser uma luta pela igualdade; trata-se de uma luta pela afirmação das diferenças, sem que elas sejam motivos para desigualdade social". A mes-

ma diretriz orientou as feministas no Rio, através do lema que definiu o encontro: "Diferentes mas não desiguais". Todos os assuntos foram enfocados dentro desta colocação, inclusive a sexualidade, abordada dia 10, no painel da situação da mulher brasileira, junto com temas relativos a política, trabalho, creche e relações raciais.

Para Mary Castro (do MFPA) a sexualidade foi vista sob o ângulo exclusivamente político, tratando da relação entre ela e os mecanismos do poder. Enfatizou: 1) o fato de que o sexo teria de ser uma luta específica no movimento, por servir como fragmentação social da mulher: enquanto ela fica dividida, mais se enfraquece, sendo melhor usada e manipulada historicamente, para se transformar na guardiã de valores conservadores, repressores e, ironicamente, anti-feministas. 2) as ligações da propriedade do corpo da mulher com a própria propriedade privada; 3) o fato de que medidas isoladas — como a liberação do aborto — só serviriam a resoluções particulares. A emancipação de fato apenas será possível com uma transformação social, para ambos os sexos.

"Mulher e Sexualidade" foi o tema analisado por Sandra e Malu. Como pontos principais de sua apresentação conjunta, destacam-se: 1) o sexo sempre relegado a um plano secundário, a fim de esfacelar a mulher e não vê-la como ser total; no entanto é o corpo da mulher que determina a função social que ela foi condicionada a

exercer (a maternidade, os trabalhos domésticos). 2) o grupo, portanto, se preocupa com o desenvolvimento e crescimento deste corpo, marcado na mulher sempre pela presença do sangue nos momentos críticos de sua vida: a menarca, as menstruações, a defloração, o parto, a menopausa. Daí o interesse por essas funções biológicas (suas relações com o meio-exterior) e as implicações da sexualidade feminina na inserção social inclusive como fator de determinação de tipos de comportamentos (o da menina, por exemplo, livre na infância, mudando completamente de hábitos ao se tornar mocinha — menstruada —, até no sentir-se, "recatadamente", de pernas fechadas); 3) a dominação não se faz apenas na área político-econômica, mas também sobre o corpo (um dos aspectos específicos na luta feminista), contra o qual, em última análise, se praticam as torturas, as violações, e a maior parte dos desrespeitos humanos. Conhecer a evolução sexual da mulher é conhecer a posição social que ela ocupa, pois sexo é tema estritamente político, haja vista as mulheres iranianas, cuja luta atual não se restringe às vestes nem à sexualidade feminina; através dos costumes, suas reivindicações têm diretas implicações nas transformações sócio-políticas.

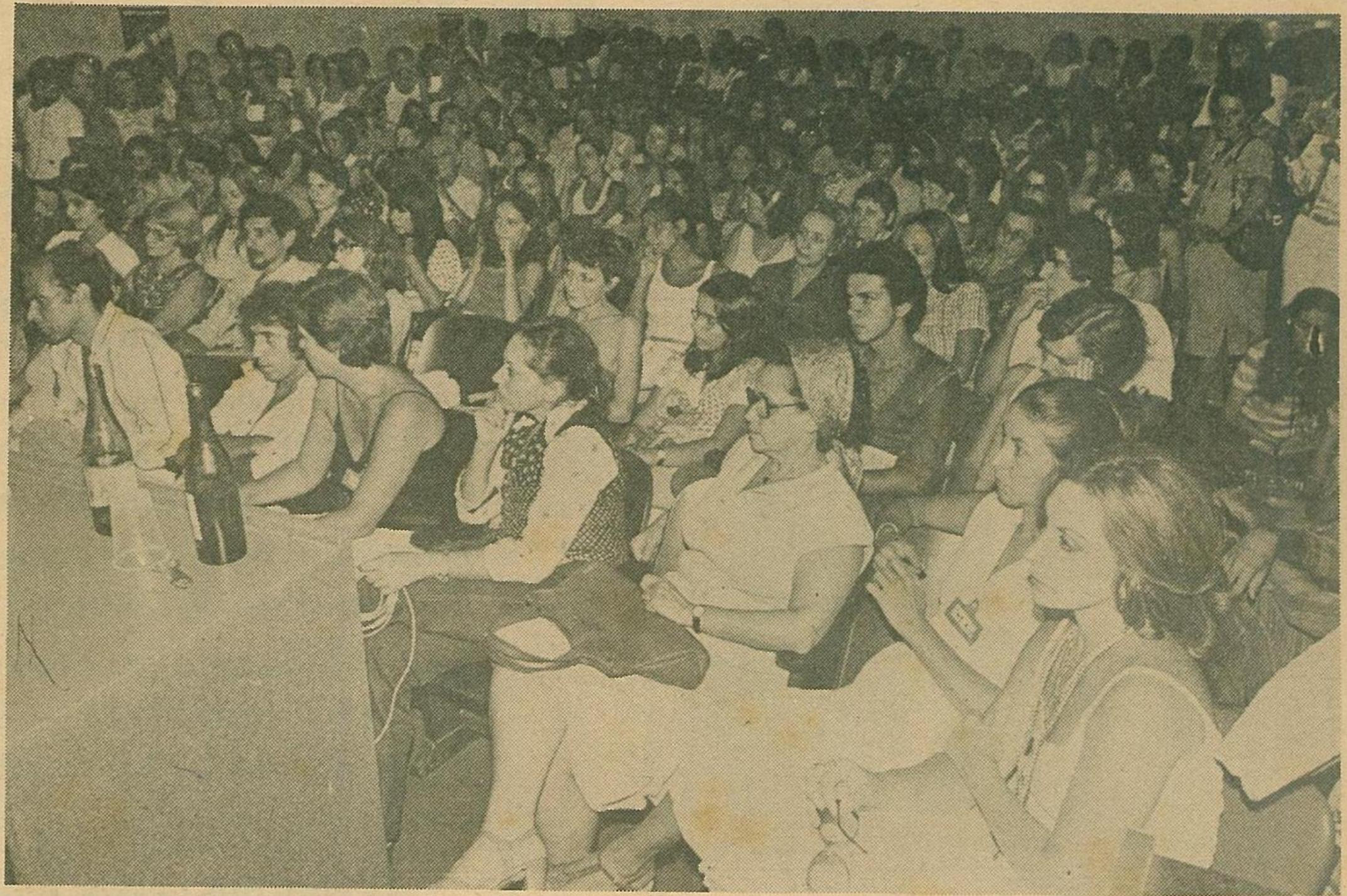
Só discordo quando este grupo expositor afirmou que sua pesquisa "não trata de saber se a mulher tem orgasmo ou não, embora isto seja importante". O estudo puramente biológico do cor-

po leva a um teorismo muitas vezes acadêmico, apoiado em conceitos científicos preconceituosos e a uma linguagem exclusivamente médica, portanto de valor limitado. Querer relegar o orgasmo, tratá-lo, simplesmente "en passant", é feciar no erro denunciado por elas mesmas, ou seja, é relegar o corpo (pois o orgasmo não pode ser separado dele) e a sexualidade a um plano secundário, retirando-lhes as conotações políticas e suas implicações sociais.

Talvez exatamente para não "comprometer" e "ameaçar" a seriedade com que os trabalhos se conduziram, a sexualidade se reduziu a um corpo eminentemente político. Lídimo representante de uma das metas específicas dos ideais feministas. Nem orgasmo nem homossexualismo nem liberdade sexual entraram em pauta, embora deveriam, por serem importantes fatores na transformação social e na conscientização mental/corporal dos indivíduos.

É a única restrição a fazer, exatamente por ter sido esse caráter de restrição... Mas foi ótimo ter presenciado aquelas mulheres resistindo ao sol e à praia de um sábado convidativo para lá estarem atentas, de ouvidos e olhos abertos. Sim: o Centro da Mulher Brasileira promove reuniões, debates, conferências. A quem interessar possa, o CMB se sedita na Av. Franklin Roosevelt, 39, 7º andar, sala 713, telefone: 242-3147, Rio.

Leila Miccolis
LAMPÃO da Esquina



Quando o machismo fica no porão

A medicina anda um pouco assustada com a crescente resistência das bactérias aos antibióticos, sobretudo no caso das doenças venéreas. Eu diria que existe um fenômeno de resistência semelhante, no setor das culturas — quando a absorção de certos conceitos "perigosos" funciona como forma sutil de não mudar nada. É assim, por exemplo, que a grande imprensa começa a veicular conceitos antes considerados tabus. Há alguns meses atrás, a **Folha de São Paulo** ainda substituiu pudorosamente a palavra "lésbica" por "feminista". Hoje, esse jornal noticia até mesmo o encontro de homossexuais na USP. Vários temas deixaram de ser ofensivos, entrando no processo de recuperação que o sistema utiliza para neutralizar potencialidades daninhas. É o caso do conceito de machismo: a imprensa já emprega até no noticiário mais comum. Quer dizer, "machismo" no caso acabou se tornando um conceito vago diluído e incorporado ao dia-a-dia, significando um monte de coisas insignificantes e perdendo seu sentido visceral.

Em outros termos, o processo de "resistência" bacteriana cultural concretiza-se mais ou menos assim: "eu não sou machista, não sou racista nem reacionário, graças a Deus; racista é o outro, machista é meu vizinho, reacionário são aqueles lá; EU SOU ÓTIMO, até ajudo minha mulher a cuidar das crianças." Essas pessoas criam defesas, para continuarem racistas, machistas e reacionários. Táí, aliás, um processo que filmes da esquerda-burra usam muito: eleva-se a classe operária à categoria de "mocinho" e cria-se o estereótipo da burguesia "vilão". Tudo é feito de tal modo que os espectadores batam palmas aos heróis Sacco e Vanzetti, aos operários que caem dos edifícios em construção, aos camponeses italianos que se rebelam sob o comando da passionária Sandrelli.

Quero dizer que, nesses casos, trocam-se simplesmente as moscas, mas os pratos continuam os mesmos; assim ocorre, por exemplo, com o culto ao herói que, de matador de índios, passa a defensor dos pobres. Após o filme, os espectadores voltam felizes e redimidos para casa, com a agravante de terem criado defesas às transformações sociais que deveriam começar dentro de cada um. Em função de uma análise pretensamente avançada, reforça-se o conformismo dos progressistas de última hora. E não existe pior tipo de reacionário do que aquele que se diz progressista (vide nosso ministro da cultura).

Observei algo semelhante ao participar de um grupo de homens presentes no 1º Congresso da Mulher Paulista. Ali havia um pouco de tudo: operários inconscientes, líderes sindicais, jornalistas e outros profissionais liberais — e até uma que outra bicha. De início me pareceu intrigante que as mulheres tivessem medo nós homens, num grupo separado e nos enfiassem no porão do Teatro Ruth Escobar, para discutir questões relativas à questão feminina. Não faltaram protestos dos homens contra tal "discriminação"



(elas já aprenderam o uso dessa palavra-antibiótica). Muitos reclamavam que deveríamos estar distribuídos livremente em vários grupos mistos. E entretanto, aquele gesto "discriminatório" significava uma afirmação de identidade da parte das mulheres. Nada mais natural, a meu ver: numa sociedade onde tudo foi feito para que a mulher se cale e o homem levante a voz, elas decidiram impor o seu espaço para discussão de seus problemas. Ali estava uma rara oportunidade de se encontrarem entre si, sem interferências externas.

À parte isso, eu me sentia francamente curioso para ver o que pensavam os homens heterossexuais a respeito das mulheres e dos feminismos. Se não posso negar o óbvio interesse demonstrado já pela presença de cerca de trinta homens, também não posso negar meu desapontamento em relação ao seu nível de consciência. A maioria dentre nós tinha vindo para ajudar as mulheres a serem menos passivas, convencê-las da importância de ter uma participação política e mostrar-lhes que elas também são seres humanos. Sob esse manto de "profunda compreensão", muitos estavam ali para continuar um processo: o de dizer às mulheres tudo o que elas deveriam fazer. Essa postura paternalista ficou mais evidente quando se discutiu a questão da sexualidade e frigidez feminina. Frigidez, dentro do grupo dos homens, era: falta de alimentação ("culpa dos baixos salários"); operações cesarianas mal feitas; falta de tratamento adequado; falta de informação da mulher. Um deles caracterizou a frigidez como uma "degenerescência igual ao homossexualismo" — e ouviu os meus protestos, em nome da classe.

Foi praticamente impossível discutir-se sexualidade feminina enquanto problema rela-

cionado à sexualidade dos homens; ou seja, como é que os indivíduos presentes e a sociedade masculina ali representada têm responsabilidade na frigidez da mulher, não em sua "cura". Apesar de muito buxio, a discussão não andou; aconteceram no máximo monólogos compartilhados. Houve sim momentos de verdade: um homem falou das "mulheres vagabundas que só querem ver televisão, dentro de casa." Outro disse que "a mulher já está liberada, porque já é até rainha em muitos países, ao mesmo tempo que os melhores cozinheiros hoje em dia são do sexo masculino."

Besteiras? Pode ser, mas **esses** eram os reais problemas da maioria dos homens ali presentes e **isso** precisava ser discutido. Mas nada de discussão. Comecei a perceber que nós homens tínhamos, inconscientemente ou não, ido lá para **confirmar** posições, talvez abrindo mão de coisinhas, mas fundamentalmente tentando garantir que o Congresso não saísse da linha. Assim, houve muita frase-feita contra o machismo, pois **EVIDENTEMENTE** ninguém ali se julgava machista. Com certeza, o conceito já tinha se transformado em defesa "orgânica" e seu significado se diluiu em folclores.

Aproveitando-se do desafogo político que a "abertura ampla e irrestrita" tem permitido, muitos homens faziam questão de afirmar, como um refrão, que o importante eram as "liberdades democráticas"; a luta das mulheres era ótima porque vinha ajudar na derrubada da ditadura. Com isso, evidentemente, se escamoteavam os problemas da mulher, dissolvidos na chamada "luta maior". Um sindicalista mais eloquente disse até que devíamos deixar de considerar as mulheres cotidianas, pois cotidianos eram todos os operários. Houve mais buxios. Então, se o General Figueiredo caísse, as mulheres

automaticamente iriam ter seus salários equiparados, deixariam de ser consideradas cidadãs, de segunda e na cama passariam a ser reconhecidas como seres com direito ao prazer? Em outros termos, de machista ali só tinha o Figueiredo, não o grupo social dos homens como um todo.

Isso conduzia a algumas questões. Por que existe uma recusa sistemática, da parte de nossos ativistas, em encaminhar simultaneamente as várias lutas sociais, utilizando um falso conceito de prioridade? Por que não somar as opressões gerais com as opressões específicas de certos setores, como o das mulheres? Se, ao voltar do trabalho, a mulher operária deve ocupar-se do serviço caseiro, como irá participar das lutas de sua classe? Ou será que o proletariado se resumiria aos homens, na medida que a mulher encontra-se estruturalmente impedida de participar da luta comum? Nesse caso, sua função transformadora iria se reduzir a lavar roupa, fazer comida e criar os filhos, para permitir que seu marido tivesse tempo de encaminhar a luta, no sindicato e fora dele. Assim, em nome da revolução, estaríamos consagrando a mulher como empregada do marido. Bastante irritado ante essa conclusão "lógica" de escravização feminina, eu só consegui dizer bem alto, ali entre aqueles homens: "Acabamos de ter aqui, quentinho e ao vivo, um exemplo de como o machismo existe e vai bem obrigado".

Entretanto, o que mais me perturbou durante as reuniões de trabalho foi a dificuldade que tínhamos em **trocar idéias**. Isso parecia-me mais um sintoma do grau de autoritarismo dentro do grupo, inclusive já no próprio esquema de rígida disciplina e centralização: havia um coordenador que acumulava as funções de ideólogo e relator; as discussões deviam se restringir rigorosamente às questões colocadas; as intervenções frequentemente vinham na forma de discursos para grandes platéias e caíam no vazio do silêncio geral; alguém utilizava um relógio e interrompia os oradores no meio da frase, ao se esgotar o tempo estipulado para cada um falar. Acima de tudo, tinha-se implantado um sorrateiro clima de policiamento que visava conduzir as respostas às posições consideradas ideologicamente "corretas".

Posso dizer que essa experiência do Congresso me proporcionou, ainda uma vez, constatar como nós homens precisamos aprender mais sobre o afeto, a sensibilidade, a graça e a sensualidade, virtudes tomadas menores e relegadas ao purgatório por serem consideradas "femininas", em nossas sociedades. Ausentes daquele grupo, essas seriam entretanto premissas fundamentais para discutir o autoritarismo, que considero uma doença típica do machismo instituído. O mesmo machismo que nos vem sendo inoculado desde o berço e se cristalizou, a cada vez que nos diziam: "menino não chora; isso é coisa de mulher".

João Silvério Trevisan

Nós mulheres e nosso corpo

As idéias que se seguem foram em parte apresentadas no Encontro Nacional de Mulheres, realizado de 8 a 11 de março na Faculdade Cândido Mendes do Rio de Janeiro. Elas resultam da experiência de reflexão de quatro anos de um grupo feminista, que agora empreende uma pesquisa sobre sexualidade feminina.

O feminismo enquanto um movimento que vise a emancipação e liberação das mulheres tem como uma de suas frentes de luta as questões ligadas à sexualidade. E por isto, frequentemente, tem sido acusado de maneira incriminatória e desvalorizante, principalmente por entender que a liberação do corpo é primordial, pois que ele é alvo de violentas repressões.

No entanto, o corpo em nossa cultura não é importante. Na formação da cultura ocidental o corpo foi sendo esquecido e a "mente", o intelecto erigidos em metonímia do ser humano. Assim, o corpo passa a ser um resíduo involuntário material das pessoas que somos. E, por tudo isso, desprezível.

Nesta mesma cultura, em que a relação entre os sexos é uma relação de poder, e que o sexo feminino é o dominado e desvalorizado, o corpo das mulheres tem sido principalmente oprimido.

O corpo não nos pertence, pertence a qualquer um, do sexo masculino, que o deseja. Veja-se os casos de estupro e agressões sexuais, onde a sociedade condescende a violência contra a mulher, justificando o homem pelo seu "instinto sexual". A compulsão do seu "instinto" se apóia na idéia de que o corpo das mulheres existe para a

satisfação masculina, mesmo que elas assim não queiram.

É sobre o nosso corpo que recai exclusivamente o ônus do controle da reprodução. E não temos ao menos acesso à decisão de como este controle é feito. As decisões sobre o nosso corpo não cabem a nós, nem na nossa vida particular, nem ao conjunto das mulheres.

É sobre o corpo das mulheres que incidem mais fortemente os preconceitos sexuais, como, ainda hoje, o não reconhecimento do direito da mulher ao prazer; a sexualidade feminina qualificada de "misteriosa e complicada", que continuará sendo se insistirmos em vê-la através do espelho masculino; a interdição, ainda existente, de relações sexuais antes do casamento; a muitas vezes escondida e reprimida homossexualidade feminina.

A emancipação e liberação das mulheres têm que conter a luta pela autonomia de sua sexualidade e pelo livre arbítrio no controle da reprodução, pois o corpo é um importante espaço onde se instrumentaliza a opressão.

Foi com este sentido que o Encontro Nacional de Mulheres aprovou uma moção de solidariedade às mulheres iranianas, que independentemente de seus credos políticos, saem às ruas a protestar contra os véus, símbolo, naquela cultura, da opressão da mulher.

Maria Luiza Heilborn



"Eu te salvei do mar, te dei abrigo, te arranjei comida. E agora você me diz que é lésbica?"



Veio de Minas, ainda menina que gostava de brincar, de correr pelos espaços amplos e livres da fazenda do interior. Veio com a mãe e os irmãos. Seu pai? Ficará por lá mesmo, com a esposa legal e os filhos idem. Rio de Janeiro, cidade grande onde a gente pode ganhar dinheiro e viver bem. Assim dissera sua mãe, cansada de trabalhar na fazenda e cansada daquele homem que lhe fizera três filhos, mas que nunca vivera com ela na mesma casa. Mas como chamar de casa aquilo onde moravam? Se era de sopapo, de pau a pique, de chão de terra batida, de telhado de sapê? No Rio eles teriam uma casa de verdade, pois ninguém ali tinha medo de trabalho; as crianças já estavam acostumadas ao trabalho na roça.

Além disso, a menina já estava com dez anos, ficando mocinha. Muito trabalhadeira, sabe? Daquele tamanhinho, ela trepava num banquinho pra mexer doce naqueles taxos grandes, na cozinha da fazenda. Desde cedo já sabia lavar, passar, cozinhar e varrer o terreiro que nem um brinco. Tinha lá suas manias de correr que nem uma cabritinha no meio das outras; coisa de criança, né? Escola não. Era muito longe, quase meio dia de viagem a pé; e mesmo o trabalho na roça, na cozinha da fazenda, as miudezas pra fazer em casa não deixavam não. Se a gente tem saúde pra trabalhar, não precisa de mais nada. Deus ajuda a gente. De vez em quando chegava uma carta da prima, contando tanta coisa bonita do Rio que dava vontade de conhecer, de viver, de ter casa de verdade...

Foram morar numa favela que disseram que tinha sido um quilombo. A vista lá de cima é linda. Dá pra ver o mar, o Cristo, as casas grã-finas das madames lá de baixo e também quando o camburão vem pra dar uma blitz no morro. Primeiro a gente fica com medo, mas depois se acostuma. Quê que se pode fazer, né? Triste foi quando houve aquele tirotoe e mataram o filho da vizinha ali de cima. Só tinha dezoito anos. Custaram pra levar pro necrotério e ele ficou ali, caído, uma porção de moscas em cima. Marginal, sabe? Coitada da mãe, tanto sacrifício pra nada. A irmã dela, que mora naquele barraco perto do barranco, o marido está preso há uns cinco anos e tem mais uns dez pela frente. A coitada dá um duro danado pra sustentar os filhos. Trabalha de cozinheira num botequim lá perto da Central, carteira assinada e tudo. O emprego é bom porque sempre dá pra trazer umas coisinhas pras crianças comerem.

E a prima, muito animada, ia contando como era a vida ali. Parecia conhecer todo mundo. Trabalhava de arrumadeira numa das mansões do bairro aristocrático em que se situa a favela. Tinha quatro filhos e o marido trabalhava como servente de pedreiro numa obra também próxima. Graças a ela, os recém-chegados conseguiram trabalho sem maiores dificuldades. A mãe como passadeira, um dos meninos com o marido da prima, o outro como entregador numa lojinha de ferragens e a menina como babá.

Quase tão criança quanto as crianças de quem cuidava, seu primeiro emprego foi uma aventura deliciosa. A madame era muito boa e suas crianças tão alegrias que dava gosto brincar com elas. Não era nem tomar conta. Dar banho, comida na boca, lavar e passar umas pecinhas era a coisa mais fácil do mundo, perto do trabalho na fazenda. Além disso, agora morava numa casa tão bonita que nem tinha saudade das correrias, das frutas tiradas do pé das mangueiras, jaboticabeiras, romanzeiras da fazenda. É certo que, uma vez por mês, tinha folga pra visitar a família. Mas o barraco de madeira, com chão de terra batida, nem dava pra se sentir incomodada com ele, pois sua casa era outra e a alegria de rever a mãe e os irmãos compensava o desconforto. Se só

voltaria ali no mês seguinte, por que se aborrecer? Mas um dia, tempos depois, teve de voltar pra valer. Tinha treze anos já e se tornara demasiado saudável e atraente para os olhos do irmão mais moço da madame, que tentou agarrá-la. Quando a viu assustada, chorando e contando o ocorrido, a patroa olhou-a desconfiada, pegou suas roupas e a devolveu à mãe. Não conseguia entender porque a madame ficara tão zangada com ela. Que foi que fizera demais pra ser chamada de asanhada? Ah, essas madames são mesmo complicadas...

O novo emprego era muito bom porque muito próximo de casa. O trabalho de arrumadeira dava tempo até para assistir a novela das oito na televisão bonita que o doutor comprara para os empregados da casa. Aos sábados eram as festas ou os bailes junto com as colegas. E a vida corria gostosa que nem o riacho no qual se banhava lá na fazenda. Ficou melhor ainda quando, naquele baile em Niterói, conheceu aquele moço de terno branco e que dançava tão bem. O namoro começou naquele dia mesmo. O problema era a mãe dele, sabe? Tinha um salão de alisar cabelos lá pros lados de Realengo. Ela se achava dona do filho e dizia que ele tinha de ajudar em casa, que era muito moço pra se amarrar com a primeira que aparecesse.

Nem chegaram a se casar; ela se perdeu com ele. Sua mãe e seus irmãos encararam com naturalidade o crescimento daquele jovem e bonito. A criança nasceu e o pai a registrou de boa vontade. Mas o mesmo não aconteceu quando o segundo filho nasceu, pois ele se enbriachava por outra, com quem fora morar, deixando-a com a responsabilidade total das duas crianças. Mas a gente nunca está sozinha se tem família que apoia e se tem bons patrões. Eles eram tão bons pras crianças que nem valia a pena pensar que nunca se ofereceram pra assinar carteira. Também, de que adiantaria? Ela nem sabia ler. Como é que iria reclamar de alguém pra assinar uma carteira que ela nem sabia como ou onde tirar?

Mas criança muda tanto a vida da gente, né? O tempo dos bailes e das festas assim como veio, se foi. A gente muda tanto que começa a pensar no futuro, a ficar preocupada com uma porção de coisas. Não conseguia entender porque a mãe e os irmãos passaram a beber daquele jeito. O mais velho, que tinha até se casado direitinho com uma moça muito boa e trabalhadeira, seu ordenado mal dava pra beber tanto. Está certo que ele nunca conseguiu emprego melhor do que em obra, mas a mulher trabalhava, ajudava ele pra sustentar a casa. A mulher acabou se cansando de tanto ir buscar ele na biroca lá de baixo, caindo de porre. Foi embora de vez. Ai ele deixou de comer, pra beber o tempo todo. Ainda se lembra do dia em que, já doente, ele foi tomar aquela injeção na farmácia do seu Antônio. Teimou em beber depois da injeção tomada. Deu complicação e ele mal teve tempo de chegar em casa pra morrer. Tão moço ainda...

Graças a Deus que o mais novo não tinha se enbriachado por ninguém, pois estava no mesmo caminho do outro. A mãe, passava um bom tempo sem tomar uma gota, mas de vez em quando dava o seu desconto e sumia por uma semana. Ia lá pra casa da irmã, naquela favela que fica mais pra cima daqui. Nessas horas a vizinha do barraco do lado quebrava o galho, tomando conta das crianças enquanto ela ia por trabalho. Agora as crianças já eram três. O pai da última é um rapaz que trabalha de gari. Responsável, deu seu nome não só para o seu filho como também para a outra criança que, até então, não tinha sido registrada. Viver junto não dá não, sabe? A gente briga que nem cão e gato por causa da mãe da gente. A mãe dele parece até com a mãe do outro.

É pior até. Faz tudo que pode pra ver a gente separado. Parece que o filho é só dela. Minha mãe, também, vive implicando com ele. As vezes a gente fica um tempão sem se falar, sabe? É muito ciumento. Principalmente quando bebe. Ai a gente briga e fica sem se falar.

Graças a Deus não é igual ao marido daquela prima que é mãe de oito filhos. Quando ele toma suas canas, bate nela pra valer. As vezes sobra até pras crianças. A sorte dela é que o filho mais velho, aquele pequenininho (nem parece ter doze

Mulher negra: um retrato

anos), já está trabalhando de entregador na farmácia. Meio expediente, sabe? De manhã ele vai pra escola e de tarde trabalha na farmácia; nas férias é que ele trabalha o dia inteiro. É muito caprichoso, sabe? Guardou do seu ordenadinho durante o ano inteiro e quando começaram as aulas ele comprou uniforme, caderno e lápis pros irmãos menores. Dá gosto de ver. A menina que vem abaixo dele, cuida da casa que nem gente grande. Lava, passa, cozinha, cuida dos irmãos menores e ainda vai pra escola. Está um pouco atrasadinha, pois não sai do segundo ano; mas também quem é que aguenta? Esse negócio de escola puxa muito pela cabeça da gente.

A minha mais velha também não gosta muito não. A professora vive reclamando que ela não presta atenção, que faz bagunça e que não vai passar. Disse até que vai mandar ela pra (como é que se diz mesmo?) psicóloga, que ela tem problemas. Mas burra ela não é não, sabe? Ninguém engana ela no troco quando vai comprar as coisas pra casa. Pode ser é preguiçosa, isso sim. Tanto que não quis saber de aprender a música de natal que a professora ensinou e ficou de bagunça perturbando a aula. Agora, pede pra ela cantar o samba do bloco daqui do morro que ela canta direitinho a primeira e a segunda parte. Se o samba que é grande ela aprendeu logo, como é que não ia aprender uma musiquinha desse tamanhinho? Só de preguiça, né? E olha que não é por falta da gente ensinar em casa.

A gente que é pobre tem de estudar pra ver se melhora de vida. A gente vê pelos filhos dos patrões da gente. Todo mundo estuda e vira doutor. Por que então a gente não ia querer que os filhos da gente estudem? Ao menos o primário completo, né? Ai já dá pra conseguir um empreguinho melhor, ganhar o salário, carteira assinada e até fazer o ginásio depois. Tem muita gente que estuda de noite e trabalha de dia. Aqui mesmo no morro, tem muita gente que faz isso. Eu até que tentei também. Mas não deu não. Já estou muito velha pra aprender essas coisas de escola; vou fazer vinte e sete anos. Criança é que tem cabeça fresca pra isso.

Acorda cedinho todos os dias. Põe a lata na fila da bica, adianta o almoço, prepara o café, acorda as crianças, lava a roupa mais pesada e desce pra ir pro emprego. Antes, deixa as crianças na escola. Quando é preciso levar as crianças ao médico, acorda de madrugada. Se a gente chega no posto às sete, a fila já está enorme, a gente pega número alto e só é atendida lá pro meio-dia. Então tem que ir bem cedo, né? E olha que aquela gente lá já não trata a gente muito direito não, sabe? Trata que nem cachorro. Só porque a gente é preto e pobre. Noutro dia, levei a minha mais nova lá porque estava tossindo muito, com febre e sem querer comer. A doutora nem pôs a mão nela pra examinar. Ficou de longe, perguntando uma porção de coisas e sem tocar na criança. Fiquei com tanta raiva que disse pra ela

que minha filha não era leprosa não. Será que a gente tem culpa de ter nascido assim?

Até aqui no morro a gente vê dessas coisas. Noutro dia meu garoto saiu no braço com o filho da dona Maricota. Coisa de criança que briga agora pra estar brincando depois. Mas ela tomou as dores do filho e veio reclamar dizendo que não gostava de preto por causa disso. Disse pra ela que quando precisasse de uma caneca de açúcar ou de uns dentinhos de alho, que não viesse pedir emprestado em casa de preto não. Que quando ela precisa, a gente é vizinha pra lá vizinha pra cá; que quando não precisa mais a gente vira negra suja, piranha e por aí fora. A sorte dela foi que o marido chegou e puxou ela pra casa. Numa hora dessas a gente pode perder a cabeça, né?

E ficou ali pensando no irmão que ficara desempregado há um ano, passado a viver de biscates e bebendo cada vez mais; na mãe idosa que de tarde tomava conta das crianças quando voltavam da escola, enquanto ela estava no emprego; na patroa bonita e cheirosa indo pra faculdade no carro novinho que o marido lhe dera; no barraco com uma parede caída desde a última chuva e em como arranjar dinheiro pra comprar umas madeiras naquela demolição lá de baixo.

E ainda chamam a gente de orgulhosa só porque a gente traz os filhos limpinhos, não vive por aí mostrando os dentes pra qualquer um e não pede nada a ninguém. Só porque a gente vive do trabalho da gente, sem homem pra ajudar nem nada e tendo que sustentar mãe e três filhos. Só porque a gente se dá com um vizinho ou outro, afora os parentes, chamam a gente de besta. Só porque a gente não se mete na casa dos outros pra bisbilhotar. Só porque a gente não fuma e nem bebe, a gente é orgulhosa? Como é que a gente pode ir pros ensaios do bloco se a gente vem tão cansada do trabalho e nem lembra mais o que é dançar? Ainda mais agora, com aquela quadra fora do morro, cheia de gente bacana que nunca soube o que é vida de favela, pra que é que a gente vai lá? As crianças bem que gostam, mas são crianças. Pra elas tudo é motivo de brinquedo. Mas a gente que tem responsabilidade de cuidar delas, do futuro delas, da escola, da casa, da comida e da saúde delas, a gente não pode ficar aí igual quando a gente era mocinha.

E, sentada na porta do barraco, continuou mergulhada naqueles pensamentos, perguntando pelo por que de tantas coisas. Quem a visse de longe talvez se perguntasse sobre o que aquela figura trágica lembraria. E a resposta não era difícil de ser encontrada: a mulher-sentada-na-porta-do-barraco era a própria Solidão.

Lélia Gonzalez

Um time completo de marginais

Queda de Braço

Uma antologia de contistas mal comportados, danados, lam-piônicos, satânicos, bêbados, travessos e nem um pouco deslumbrados, organizada por Glaucio Matoso e Nilto Maciel.

Cr\$ 120,00

Pedidos pelo Reembolso Postal à
Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.
Caixa Postal 41031, Rio de Janeiro — RJ

LAMPÍÃO da Esquina